

---

quem tem medo  
da terceira  
margem? vozes  
e vias migrantes:  
entre memórias  
e projecções \*

Ana Paula Coutinho Mendes  
Universidade do Porto

RESUMO:

Este estudo centra-se nalguns elementos de comparação entre a literatura escrita por e/imigrantes e aquela escrita pelos seus descendentes. Ainda que ambas possam ser consideradas como "vozes e vias migrantes", porquanto se assentam no descentramento e no confronto cultural, através do discernimento de certos pontos de desvio da segunda em relação à primeira, procura-se mostrar em que medida a literatura de descendentes de migrantes se coloca à margem de oposições binárias (aqui/lá; estrangeiro/nacional; centro/periferia...) que, muitas vezes condenaram (ou continuam a condenar) as vozes de e/imigrantes. Mediante uma contextualização teórica e prática d'"esses usos menores de línguas maiores", levados a cabo por aqueles que a maior parte das vezes são obrigados a fazer escolhas esquizofrénicas, procura-se relevar tanto os desafios como os riscos estéticos e socio-culturais desse "mundo imaginário do interstício". Ancorado no plano da experiência, é nele que se jogam os reptos de uma efectiva interculturalidade em sociedades cada vez mais multiculturais, sob pena ou da perda total de marcas da diversidade que as constituem, ou de perpetuação de identidades culturais estereotipadas. O "corpus" desta análise privilegia (mas sem exclusividade) autores/textos ligados directa ou indirectamente a Portugal, país europeu com uma já longa tradição migratória.

PALAVRAS-CHAVE:

migrações, diáspora,  
hibridez, escrita migrante,  
lusu-descendentes

>>

## RÉSUMÉ:

Cette étude est centrée sur quelques points de comparaison entre la littérature écrite par des migrants et celle écrite par des descendants de migrants. Même si toutes deux finissent par être des "voix/voies migrantes", mettant l'accent sur le décentrement et la confrontation culturelle, nous tâcherons de dégager les points de déviation de la seconde par rapport à la première et de montrer dans quelle mesure la littérature des descendants de migrants se met en marge des oppositions binaires (ici/là-bas; étranger/national; centre/périphérie...) qui, souvent, ont condamné (ou condamnent toujours) les voix de é/immigrés. Par un encadrement théorique et pratique de "ces usages mineurs de langues majeures" faits par ceux qui sont le plus souvent obligés à faire des choix schizophréniques, nous essaierons de repérer soit les défis, soit les risques, aussi bien esthétiques que socioculturels, présentés par "ce monde imaginaire de l'entre-deux", ancré sur le vécu, et où se jouent les enjeux d'une effective interculturalité dans des sociétés de plus en plus multiculturelles, au risque soit d'une perte totale des marques de la diversité les constituant, soit de perpétuation d'identités culturelles figées. Le "corpus" de l'analyse privilégie (quoique sans souci d'exclusivité) des auteurs/textes liés directement ou indirectement au Portugal, un pays européen à longue tradition migratoire.

## MOTS-CLÉS:

migrations, diaspora, hybridité, écriture migrante, luso-descendants

26>27

---

*Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executou a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.*

João Guimarães Rosa

Em especial a partir da última década de 90, multiplicaram-se os estudos e teorias em torno da "diáspora" que, muitas vezes, continuam marcados por orientações de base disjuntiva, quando não mesmo alicerçados numa lógica binária: ou apon-

tam para uma categorização abstracta da condição humana e/ou da vida contemporânea marcada pelos mais variados deslocamentos; ou retêm-se nas especificidades históricas e políticas das diferentes experiências diaspóricas, seja das que acompanharam o século XX e as Guerras Mundiais, os processos de descolonização, as perseguições de carácter étnico ou religioso, seja ainda aquelas que se prendem com outros fluxos migratórios, inter e intra-continentais, por razões económicas e/ou políticas.

À polarização teórica e conceptual levada a cabo em várias frentes (desde os "Ethnic Studies" aos "Cultural Studies" ou "Post-colonial Studies", passando por outros domínios académicos mais instituídos ou emergentes) (vd. Braziel and Mannur, 2003), associar-se-ia também, na mesma década, um outro importante reconhecimento transnacional da importância histórica, simbólica e estratégica da(s) diáspora(s). Refiro-me concretamente ao Relatório da Unesco sobre a Cultura, de 1998, que não se limitava a debruçar-se genericamente sobre a questão cada vez mais actual da diversidade cultural e da interculturalidade, mas que, ao chamar a atenção para a forma como as comunidades diaspóricas contribuíram para as experiências de hibridez e de heterogeneidade das sociedades contemporâneas, sublinhava também o seu papel de referência para a criação de práticas verdadeiramente interculturais, isto é, capazes de ultrapassar o estágio da mera "exaltação separatista das diferenças" (*apud* Bromley 2000: 15), que não representa senão o reverso directo e resiliente do universal triunfalista (Appadurai, 1996).

No quadro desse vasto projecto de investigação aplicada que pressupõe múltiplos estudos de caso, concertados e relacionais, levados a cabo por equipas multidisciplinares de investigadores tanto no país de origem como nos países de emigração, limitar-me-ei a algumas reflexões sobre a inscrição literária da chamada "diáspora portuguesa", procurando nela relevar pontos de contacto e de desvio entre a escrita dos migrantes e a dos seus descendentes. Ainda que não se trate de uma análise exaustiva da literatura ligada à diáspora portu- >>

sa, desde logo por causa da amplitude cronológica e espacial envolvidas, a presença de características comuns a produções literárias ligadas a outras comunidades diaspóricas, permitem-nos ter em conta a existência de elementos suficientemente relevantes para ponderar e/ou confirmar contornos, potencialidades e também algumas vicissitudes sócio-culturais subjacentes a estas vozes e vias migrantes, intimamente ligadas ao chamado processo da "glocalização" (Robertson, 1995).

Não será ocioso começar por lembrar que a diáspora portuguesa é uma das mais antigas a envolver um povo europeu. Mas, enquanto a sua versão mais exaltante, que remonta à ousadia pioneira dos Descobrimentos, nos séculos XV e XVI, primórdios da Globalização, foi amplamente celebrada ao longo dos tempos, estudada e reconhecida dentro e fora das fronteiras de Portugal, já o mesmo não tem acontecido com a vertente mais sombria ou disfórica dessa disseminação, que tem a ver com os sucessivos fluxos de partida de portugueses, fundamentalmente por razões económicas, já no século XIX para o continente americano (do Brasil aos Estados Unidos e ao Canadá), depois para África e, mais recentemente, sobretudo ao longo da segunda metade do século XX, também para outros países europeus, como a França, a Alemanha, a Suíça ou o Luxemburgo.

Encarada como uma ferida narcísica, a manchar a imagem de Portugal enquanto Nação-Império, com a qual coincidiu no tempo, a emigração que tem espalhado pelo mundo quase metade da população de Portugal, tendeu sempre a ser, quando não oficialmente negada ou censurada, pelo menos culturalmente subestimada, depreciada ou caricaturada. Aí residirá certamente um dos principais motivos para a desproporção notória entre o secular desenraizamento de portugueses e a sua inscrição literária por autores quer nacionais, quer também estrangeiros. As excepções geralmente invocadas de escritores reconhecidos como Ferreira de Castro, José Rodrigues Miguéis, Miguel Torga ou Jorge de Sena não chegam a inverter essa regra

de desequilíbrio e estão longe de tornar possível sugerir, como já se fez, que a temática migratória domina na ficção portuguesa de meados do século XX (White, 1995: 14). No entanto, se a cultura portuguesa parece padecer, também a este respeito, de um déficit de “inscrição” (Gil, 2004), não é caso único; outras culturas, como a irlandesa, manifestam igualmente uma discrepância entre o seu próprio historial migratório e a criação literária (Duffy, 1995: 35) — um dado significativo e interpelante para quem se interessa sobre as relações, ainda que não directas e sobretudo oblíquas, entre textos e contextos.

Sem que caiba aqui apontar todos os constrangimentos de ordem sócio-cultural que contribuíram para a relativa exiguidade literária das comunidades diaspóricas, nomeadamente das portuguesas, podemos dizer que, de acordo com uma série de formas de literatura migrante, os primeiros emigrantes portugueses ficaram, em geral, ora por “pré-literaturas” (King *et al.*, 1995) — intervenções pontuais em jornais da sua comunidade imigrante e/ou na imprensa regional publicada em Portugal e difundida junto das diferentes comunidades da diáspora —, ora por uma escrita de cariz fundamentalmente testemunhal, gravada em versos, pequenas narrativas ou crónicas de circunstância que, raramente, acabariam por extravasar das próprias comunidades diaspóricas, fosse porque eram publicadas em jornais e revistas comunitários, fosse porque ganhavam forma em modestas edições de autor ou graças a iniciativas pontuais de pequenas editoras, também elas ligadas ao universo da e/imigração. >>

Nessa forma de escrita rente às circunstâncias de vida e ao quadro sócio-cultural dos seus autores, surgem glosados quase sempre os mesmos temas: a dor da partida; a melancolia da ausência; a saudade; a rotina e a evasão; o desejo de regresso à terra natal; a sensação de estranheza aquando da sua eventual concretização, bem assim como a indelével fissura entre os que partiram e os que ficaram. A realidade circundante do próprio país de emigração tende a ficar esbatida a favor de uma relação

fantasmagórica com um Portugal mítico, ora rural ora marítimo, e que antes de mais consubstancia a coincidência entre o impulso telúrico e o desejo de retorno à infância, ímpetos esses que quase nunca são alheios à estranheza e às dificuldades de integração no país chamado, por eufemismo, de acolhimento.

A tendência para uma escrita autobiográfica a gravitar em torno de núcleos semânticos disfóricos e regressivos é, de resto, bastante característica de uma primeira fase das literaturas migrantes, onde predominam tanto a necessidade exorcizante de expressão e partilha espontânea das vivências, como a inferioridade entranhada ou a insegurança relativamente ao próprio sentido, valor e destino dessa escrita de “desenraizados”.<sup>1</sup> Se existe já, por norma, um diálogo implícito ou subentendido entre aquele que escreve na diáspora e a sua própria comunidade, ao ponto de dizer-se ser preferível falar em “vozes autobiográficas” (Seyhan, 2001: 66), a escrita migrante de origem portuguesa tende a incutir-lhe uma outra conjunção entre os planos individual e colectivo. Assim, à disforia provocada pela experiência individual de deslocamento e de liminaridade (V. Turner), vem associar-se a interiorização do destino paradoxal de um povo que, tendo passado o [cabo] Bojador, não consegue passar além da dor; por isso mesmo lhe pesa o destino simultâneo de herói e de vencido.<sup>2</sup> Daí resulta um misto de sentimentos ambivalentes que vão do complexo de inferioridade, da culpabilidade ou da traição até ao voluntarismo determinado em desmistificar algumas versões da História de Portugal, contrapondo-lhes o seu lado menos nobre, em todos os sentidos do termo. Não foi, de resto, por acaso que aquele que constituiu um projecto editorial pioneiro e abrangente das “Artes e Letras da Diáspora Portuguesa” (1983-1990) teve como título “Peregrinação”. A homonomia com a narrativa de viagem de portugueses ao Oriente, no século XVI, significa um reenvio de homenagem ao seu autor e protagonista, Fernão Mendes Pinto que, exactamente por representar o lado pelintra, menos heróico da gesta lusitana, passou a funcionar como uma espécie

de patrono da “perimigração” (José Brites) dos tempos modernos. Este aspecto torna-se tanto mais importante quanto representa aquela que constituiu também, e às vezes acima de tudo, a vertente reivindicativa e até satírica destas vozes periféricas ao *mainstream* sócio-cultural, a começar pelo próprio país de origem. Escrever correspondia a um objectivo mais ou menos claro de redimir os “heróis de que ninguém fala// e que Ítaca despede nos avulsos navios / Novos Ulisses, estes, mas de nenhuma fama.” (Simões, 1985), denunciando ao mesmo tempo injustiças, formas de exploração ou de abandono de que eram alvo os e/imigrantes, inclusive por parte das entidades oficiais do país de origem.<sup>3</sup>

>>

Este mosaico, por excelência, fluído de uma literatura migrante, produzida pelos próprios e/migrantes e/ou seus descendentes sob o signo de uma “consciência contrapontual” (Said, 1984: 35), ou seja, no confronto mais ou menos explícito entre pelo menos duas línguas e duas culturas, não pode deixar de incluir também aqueles autores cujas habilitações literárias e/ou cujo grau de inserção e reconhecimento sócio-cultural, lhes permitiram manter, desde o estrangeiro, elos de ligação com o campo literário de origem, como aconteceu no século XX português, com os escritores, já atrás referidos, José Rodrigues Miguéis ou Jorge de Sena. A estes poderemos acrescentar, sem ordem, distinções ou exaustividade, autores como Eduardo Lourenço, Adolfo Casais Monteiro, Maria Graciete Besse, Onésimo Teotónio Almeida, Aquilino Ribeiro, Fernando Echevarría, Hélder Macedo, José Gil, Maria Gabriela Llansol, Manuela Degerine ... Acontece que não só a maioria deles continuou a escrever em português e a publicar em Portugal, como foram muito poucos os que desenvolveram uma escrita com ligações directas ao universo da e/imigração. Mas, até essa forma de desvio, silenciamento (ou sublimação?) da realidade migratória (por mais distintas que tenham sido, entre eles, tanto as razões de abandono do país natal como as experiências de vida no estrangeiro) é deveras relevante, na medida em que

indicia uma rasura, voluntária ou inconsciente, daquilo que terá constituído e de algum modo continua a constituir um inter-dito pessoal e colectivo.

Não obstante, à medida da evolução económica e da integração social das comunidades da diáspora portuguesa, com indivíduos geralmente mais escolarizados, tem-se assistido à emergência de outros tipos de escrita migrante: ou mais elaborada do ponto de vista de construção discursiva ou mesmo marcada pela pós-migração (King *et al.*, 1995: xiii). Trata-se, neste caso, de textos esparsos ou livros assinados em geral por luso-descendentes ou então por uma geração de emigrantes mais cultivados, para quem a emigração representa um trabalho de pós-memória (Hirsch, 1997), uma experiência em diferido, filtrada pela via ficcional ou poética.

O imaginário criativo desses autores hifenizados (no sentido ambivalente do próprio diacrítico que separa e liga, recusa e indicia a relação<sup>4</sup>) já quase nunca é concebido em língua portuguesa, havendo, contudo, autores que enveredam por algumas formas de escrita bilingue. Desse imaginário ressalta a busca de um lugar de pertença e de afirmação que, embora já não seja geralmente orientado por construções identitárias de refúgio, homogêneas e essencialistas como acontecia na escrita literária incipiente dos primeiros emigrantes, investe nalguns processos e enlevos de identificação pontual com aspectos quer da cultura da sociedade/nação onde os seus autores já nasceram ou estão integrados, quer da cultura portuguesa dos seus progenitores ou antepassados.

Sem deixar de ter em conta a vaga de literatura étnica ou etnicizante que invadiu nas últimas décadas o panorama literário internacional, com muito e vago folclore à mistura, uma e outro enquadrados por políticas identitárias mais ou menos organizadas, não será difícil de reconhecer na escrita pós-migrante de luso-descendentes um desafio específico, suplementar, que deriva dos hábitos e da fama das comunidades da diáspora portuguesa. Refiro-me à sua tantas vezes invocada

“invisibilidade” ou condição silenciosa, que não terá a ver apenas com as dimensões das próprias comunidades diaspóricas portuguesas relativamente a outras mais antigas e etnicamente expressivas, mas também com alguns atavismos próprios de uma nação europeia semiperiférica, de apregoados e manobrados “brandos costumes”, miscigenada por séculos de um colonialismo ambivalente, que corrobora e se enquadra na tendência que os portugueses alegadamente têm para fundir-se na paisagem (Lourenço, 1999: 52)

A construção de cartografias afectivas em torno das terras de origem, tendo por base viagens, reais ou imaginárias e acima de tudo iniciáticas, de personagens luso-descendentes (e/ou dos seus autores), parece obedecer a um propósito, explícito ou implícito, de revelar através da perspectiva ou do ângulo de “estrangeiros íntimos” (Mendes, 2003; 2004) ou de “excêntricos” (Hutcheon, 1988: 230), e de um modo esteticizante e segundo algumas revisões históricas, fragmentos do património paisagístico, humano e cultural português e/ou das comunidades diaspóricas portuguesas. Assim o fizeram, por exemplo, os luso-americanos Katherine Vaz (*Saudade*, 1994; *Fado & Other Stories*, 1997; *Mariana*, 1998) e Frank Gaspar (*Leaving Pico*, 1999), ou a americana de origem goesa Margaret Mascarenhas (*Skin*, 2001), os luso-canadianos Erika Vasconcelos (*My Darling Dead Ones*, 1998) e Paulo da Costa (*The Scent of a Lie*, 2002; *Midwife of Torment and Other Stories*, 2004); os luso-franceses Alice Machado (*La Vallée des Héros*, 1996, ou *Les Silences de Porto Santo*, 2003), Brigitte Paulino-Neto (*La Mélancholie du Géographe*, 1994; *Jaime Baltazar Barbosa*, 2003) ou Carlos Batista (*Poulailler*, 2005).

Diante de um quadro de existência intersticial, por vezes esquizofrénica e não exactamente libertadora, como o processo esquizofrénico defendido por Deleuze e Guatari em *Mille Plateaux*, embora tão-pouco sujeito a opções tão radicais quanto aquelas a que estão expostos alguns migrantes ou descendentes de migrantes, designadamente africanos ou asiáticos,

>>

esses autores de origem portuguesa têm enveredado, como outros em circunstâncias similares, por um ponto de fuga de negociação — interna e externa — que se traduz, de uma forma mais ou menos conseguida, em estratégias discursivas e recursos narrativos/poéticos como a fragmentarização do sujeito; a metamorfose e a pluralidade de vozes, de focalizações, de linguagens e até de línguas; o encaixe de diferentes narrativas ou versões no cruzamento dos universos familiar e público; a alegoria; a paródia; a auto-reflexividade e/ou (auto)-ironia.<sup>5</sup> Apesar de não poderem ser considerados como processos novos nem tão-pouco específicos às escritas migrantes, uma vez que retomam e prolongam algumas das experiências levadas a cabo na modernidade (estética) e na pós-modernidade, a forte componente vivencial em que radicam, faz deles procedimentos absorvidos, generalizados e, sobretudo, adaptados a novos contextos sócio-culturais.

Essas formas estéticas de heterogeneidade encontram nos contextos diaspóricos um espaço privilegiado de desenvolvimento e, pelo menos num primeiro momento, representam uma réplica potencialmente libertadora de binarismos de raiz e alcance identitários, tais como: nacional/estrangeiro; fora/dentro; aqui/lá; diferente/igual; autêntico/bastardo; centro/periferia; indivíduo/comunidade...

Muitos dos conceitos entretanto desenvolvidos no âmbito dos estudos pós-coloniais (mas não só), como a "ambivalência" e a "hibridez"; a "deslocação", o espaço liminar do "entre" (Bhabha, 1994); o "rizoma" (Deleuze e Guattari, 1980), a "Relação" (Glissant, 1990); a "transculturação" (Ortiz, 1991; Pratt, 1992); "sujeitos nomádicos" (Braidotti, 1994) e a "mestiçagem" (Laplantine e Nouss, 2001), revelaram-se particularmente fecundos para equacionar, enformar e potenciar os textos de autores migrantes, cujas problemáticas existenciais, literárias e estéticas se cruzam em muitos aspectos, quando não coincidem mesmo, com os chamados autores pós-coloniais. Dir-se-á que o reverso da medalha de todo esse fervilhar contemporâneo de

conceitos e teorizações reside (ou pode residir) nalguma ansiedade criativa por parte dos próprios escritores, a que não são certamente alheios alguns bloqueios e/ou desequilíbrios entre os diferentes debates na esfera pública e a manifestação sensível das ideias que no seu próprio interior pressupõe o texto literário, enquanto obra de arte. A folclorização cultural é seguramente um dos maiores riscos que correm os “autores migrantes”,<sup>6</sup> e ao qual se associam alguns outros constrangimentos tanto mais paradoxais quanto se tiver em conta que um dos seus principais desafios, explícito ou implícito, era (e continua e ser) ultrapassar alguns binarismos. Ora, não é raro que os escritores ligados às migrações se confrontem com toda uma sucessão de julgamentos peremptórios e dualistas, de natureza ideológica e/ou moral, traduzidos por oposições entre falsidade/autenticidade; legítimo/ilegítimo; assimilação/quetização; igualdade/diferença... Curiosamente, essas categorizações são muitas vezes geridas por vozes individuais ou colectivas de ambos os lados da barricada, isto é, lançadas tanto do país/cultura de residência como do de origem, e acabam por impor uma leitura geral ou generalizada, umas vezes demasiado eufórica, outras vezes demasiado catastrófica, a propósito destas literaturas emergentes ligadas às migrações.

>>

Mais uma vez, alguns dos autores procuram reagir às limitações a que os condenam esses diferentes tipos de apropriação e/ou avaliação, recusando qualquer associação ao mundo da e/imigração ou das comunidades diaspóricas a que estão biograficamente ligados. Outros procuram formas alternativas, desde logo a nível de criação (fotografia, filme-documentário, música...), ou pelo menos a nível da edição e difusão<sup>7</sup>, de modo a procurar evitar algumas vicissitudes de funcionamento no universo cultural, e em particular no campo literário. Outros há que, depois de um ou outro livro, acabam por remeter-se ou por serem condenados ao silêncio, com e sem razão...

Poder-se-á então concluir que aquilo que continua a falhar é uma pragmática sócio-cultural adequada que acompanhe o desenvolvimento destas escritas migrantes emergentes,

sem procurar dirigi-las nem subsumi-las a quadros estáticos de pensamento nem a pressões editoriais, ou em geral do mercado em torno das identidades étnicas e das “etnopaisagens” (Appadurai, 1996), ele próprio sujeito aos mais variados interesses e flutuações, em geral muito pouco sensíveis a algumas exigências intrínsecas a qualquer processo artístico.

Ao próprio nível da crítica literária, haverá que reconhecer que continuam a existir falhas para designar e analisar as literaturas emergentes quer de indivíduos desterritorializados (Seyhan, 2001: 9), quer de indivíduos que poderemos designar como inter- ou reterritorializados. O efeito mais contraproducente dessas lacunas conceptuais e metodológicas reside no círculo vicioso implícito que (des)considera estes autores apelidando-os de escritores étnicos ou de minorias literárias, segregando-os por regra do grupo da cultura/literatura nacional e/ou amputando-os da sua diversidade implícita, expressiva e cultural.

Para finalizar, e voltando à pergunta que abre o título desta comunicação — “Quem tem medo da terceira margem?” — diria que, no desafio que subjaz às vozes e vias migrantes, se joga a possibilidade da tão invocada interculturalidade não ficar erguida sobre o vazio ou a abstracção de alguns bons propósitos anotados nas diferentes agendas públicas, nacionais e internacionais, isto é, sem verdadeiramente integrar e reconstruir os sedimentos das múltiplas e dinâmicas identidades culturais dos indivíduos e dos grupos que compõem a diversidade das sociedades contemporâneas. E não foi por acaso que invoquei a metáfora do conhecido conto de Guimarães Rosa, bem anterior a outras glosas do “tríade” da confluência, da tensão ou da síntese — “third space” (Bhabha), “third scenario” (Hall) “terceira via”, “terceiro ouvido” (Khatibi). Considerando a literatura como laboratório do pensamento e como configuração discursiva dos possíveis, muito para além de qualquer ludismo completamente inconsequente, julgo pertinente reconhecer nessa pequena narrativa sobre “A terceira margem do

rio” — a “verdade metafórica” (Ricoeur) que a literatura conjuga e desenvolve, numa tensão e oscilação permanentes entre o histórico e o metafísico, o concreto e o abstracto, tal como o deslizar do rio entre as suas duas margens. Nessa “verdade metafórica” reside também o desafio mais radical das escritas migrantes: deixarem-se vaguear entre as referências do passado e as projecções do futuro, embarcando numa canoa que, ao representar o legado de uma história pessoal, se torna num verdadeiro signo de raízes flutuantes. É a partir dessa decisão individual (em constante auto-distanciamento de apropriações alheias), que cada autor migrante pode ir traçando um percurso de deriva que, se não ocorre em mar alto, ao sabor do mais extremado individualismo moderno, isto é, ao largo das circunstâncias históricas ou das margens que o redefinem, nem por isso se deixa fixar em nenhuma delas: “e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio” (Rosa, 1985: 37). <<

>>

---

## NOTAS

\* Na base deste artigo esteve uma comunicação, apresentada em francês, no XVIII Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC), que teve lugar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (de 29 de Julho a 4 de Agosto de 2007), com o tema geral “Para além dos Binarismos: Descontinuidade e Deslocamentos em Literatura Comparada”. A investigação subjacente insere-se no âmbito do projecto ‘Interidentidades’ do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade de Investigação & Desenvolvimento, sediada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).

[1] *Mutatis mutandis*, qualquer desses primeiros autores migrantes poderia parafrasear o título do autor imigrante de origem argelina, Ch. Ahmed, publicado em 1973: *Une vie d’Algerien, est-ce que ça fait un livre que les gens vont lire?* (Paris, Denoel).

[2] “Tu que já passaste o Bojador/ e que fizeste frente a tanto perigo/ Não consegues passar além da dor, nem dessa saudade que nasceu contigo. (...) Tu vestes a nudez da tua terra/ que faz de ti vencido, sendo herói!” - Manuel Campos (1984) “Onde a terra acaba e o mar começa”, *Peregrinação*, 4, Abril de 1984, p.27.

[3] “De nós servem-s’os poetas, /Escritores, Mas deixam-nos em monólogos.” - António Cravo, “Desabafo do Emigrante” (Cravo, 1981: 25).

[4] Tal como o autor de *Life-on-the-Hyphen: The Cuban-American Way* (Firmat, 1994) chama aos autores americanos de origem cubana. *Life -on-the-Hyphen: The Cuban-American Way*, Austin, University of Texas Tress, 1994.

[5] É preciso notar que alguns destes processos envolvem também já alguns autores de gerações anteriores, eles próprios emigrantes e/ou cidadãos de dupla nacionalidade, como é o caso de Onésimo Teotónio de Almeida (vd. por exemplo, *Aventuras de um Nabogador & outras estórias-em-sanduíche*, 2007) ou de Manuel Carvalho (*Um Poeta no Paraíso*, 1994).

[6] Sublinhe-se que esta designação é aqui utilizada para dar conta de uma mobilidade, quando não instabilidade, cultural, independentemente da identidade civil dos próprios escritores.

[7] Vide os livros-audio de Paulo da Costa, difundidos e comercializados directamente pelo autor ou, em geral, a presença de jovens autores diaspóricos no ciberespaço.

## BIBLIOGRAFIA ∨

Almeida, Onésimo Teotónio de (2007), *Aventuras de um Nabogador & outras estórias-em-sanduíche*, Lisboa, Bertrand.

Appadurai, Arjun (1996), *Modernity at Large – Cultural Dimensions of Globalization*, Regents of the University of Minnesota.

Batista, Carlos (2005), *Poulailler*, Paris, Albin Michel.

Bhabha, Homi (1994), *The Location of Culture*, London and New York, Routledge.

Braidotti, Rosi (1994), *Nomadic Subjects*, Columbia, Columbia University Press.

Braziel, Jana Evans / Mannur, Anita (2003), *Theorizing Diaspora*, Blackwell Publishing.

Bromley, Roger (2000), *Narratives for a New Belonging – Diasporic Cultural Fictions*, Edinburgh University Press.

Campos, Manuel (1984), "Onde a terra acaba e o mar começa", *Peregrinação, Revista das Artes e Letras de expressão emigrante*, Baden/Suíça, nº 4, Abril de 1984, 27.

Carvalho, Manuel (1994), *Um Poeta no Paraíso*, Montreal, édition à compte d'auteur.

Costa, Paulo da (2002), *The Scent of a Lie*, Victoria, Ekstasis Editions.  
-- (2004), *Midwife of Torment and Other Stories*, édition à compte d'auteur.

Cravo, António (1981), *Os Desenraizados*, Paris, edição de autor.

Deleuze, Gilles/ Guattari, Félix (1980), *Mille Plateaux*, Paris, Minuit

Duffy, Patrick (1995), "Literary Reflections on Irish Migration in the Nineteenth and Twentieth Centuries", *Writing Across Worlds – Literature and Migration*, Edited by Russell King, John Connell and Paul White, London and New York, Routledge, 20-38. >>

Firmat, Gustavo Pérez (1994), *Life -on-the-Hyphen: The Cuban-American Way*, Austin, University of Texas Tress.

Gaspar, Frank X. (1999), *Leaving Pico*, University Press of New England.

Gil, José (2004), *Portugal Hoje – O Medo de Existir*, Lisboa, Relógio d'Água.

Glissant, Édouard (1990), *Poétique de la Relation*, Paris, Gallimard.

Hirsch, Marianne (1997), *Family Frames: Photography Narrative and Post Memory*, Cambridge, Harvard University, 1997.

Hutcheon, Linda (1988), *A Poetics of Postmodernism. History, Theory, Fiction*, New York and London, Routledge.

King, Rusell et alii (ed) (1995), *Writing across Worlds – Literature and migration*, London and New York, Routledge.

Laplantine, François /Nous, Alexis (2001), *Métissages de Arcimboldo à Zombi*, Paris, Pauvert.

Lourenço, Eduardo (1999), *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva.

Machado, Alice (1996), *La Vallée des Héros*, Paris, Lanore.  
-- (2003), *Les Silences de Porto Santo*, Paris, Lanore.

Mascarenhas, Margaret (2001), *Skin*, Penguin Books India.

Mendes, Ana Paula Coutinho (2003), "Ficções de luso-descendentes e identidades híbridas", *Cadernos de Literatura Comparada*, n.º 8/9, 27-49.  
-- (2004), "Portugal imaginado por escritores luso-descendentes", *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, Volume XXI, Porto, 185-197.

Ortiz, F. (1978), *Contrapunto Cubano (1947-1963)*, Caracas, Biblioteca Ayacucho.

Paulino-Neto, Brigitte (1994), *La Mélancolie du Géographe*, Paris, Grasset.

-- (2003), *Jaime Baltazar Barbosa*, Paris, Verticales.

40>41

Pratt, Mary Louise (1992), *Imperial Eyes. Studies in Travel Writing and Transculturation*, London, Routledge.

Robertson, Roland (1995), "Glocalisation: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity" in *Global Modernities*, ed. Mike Featherstone, Scott Lash and Roland Robertson, SAGE Publication, London.

Rosa, João Guimarães (1985), *Primeiras estórias*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 14<sup>a</sup> ed.

Said, Edward (1984), "The Mind of Winter: Reflections on Life in Exile" in *Harper's Magazine*, n.º 269, 49-55.

Seyhan, Azade (2001), *Writing Outside the Nation*, Princeton University Press.

Simões, Manuel (1985), "Ao Largo de Ítaca", *Peregrinação, op.cit.*, n.º 7, 23.

Vasconcelos, Erika (1998), *My Darling Dead Ones*, First Vintage Canada Edition.

-- (2000), *Between the Stillness and the Grove*, Canada, Alfred A. Knopf.

Vaz, Katherine (1994), *Saudade*, New York, A Watt Book for St. Martin's Press.

-- (1997), *Fado & Other Stories*, University of Pittsburgh Press.

-- (1998), *Mariana*, London, Flamingo.

White, Paul (1995), "Geography, Literature and Migration", in *Writing Across Worlds – Literature and Migration*, Edited by Russell King, John Connell and Paul White, London and New York, Routledge, 1-19.